

TADEUSZ BOROWSKI

**AUSCHWITZ:
PRISIONEIRO 119198**

Tradução de
Carmo Vasconcelos Romão

Índice

Por Aqui, para a Câmara de Gás, Senhoras e Senhores	7
Um Dia em Harmenz	29
Os Transeuntes	61
Auschwitz, o Nosso Lar (Uma Carta)	79
A Morte de Schillinger	125
O Homem do Embrulho	129
O Jantar	135
Uma História Verdadeira	141
Silêncio	145
A Ofensiva de Janeiro	149
Uma Visita	159
O Mundo de Pedra	163

POR AQUI, PARA A CÂMARA DE GÁS, SENHORAS E SENHORES

Todos caminhávamos nus. O despiolhamento terminara, por fim. E os nossos fatos às riscas voltaram dos tanques da solução de *Zyklon B*, um eficiente exterminador de piolhos na roupa e nos homens dentro das câmaras de gás. Apenas os prisioneiros nos blocos, separados dos nossos pelos «bodes espanhóis»¹, ainda não têm nada para vestir. Mesmo assim, todos andamos nus: o calor é insuportável. O campo foi completamente isolado. Nem um único prisioneiro ou um piolho solitário podem escapar pelo portão. Os *Kommandos* do trabalho deixaram de trabalhar. Durante todo o dia, milhares de homens nus arrastam os pés acima e abaixo nas estradas, juntam-se nas praças, encostam-se às paredes ou deitam-se no cimo dos telhados. Temos dormido em tábuas nuas, já que os nossos colchões e cobertores estão ainda a ser desinfetados. Dos blocos das traseiras conseguíamos ver o *Frauen Konzentration Lager* (Campo de Concentração de Mulheres), onde o despiolhamento estava também a decorrer. Vinte e oito mil mulheres foram despidas e expulsas dos barracões. Agora, caminham no pátio grande por entre os blocos.

¹ Paus de madeira cruzados e envolvidos em arame farpado. (NA)

O calor aumenta, as horas são intermináveis. Nem sequer temos as diversões habituais: as estradas largas que levam aos crematórios estão vazias. Há vários dias que não chegam novos transportes. Parte do «Canadá»² foi liquidado e entregue a um *Kommando* de trabalho – um dos mais duros – em Harmenz. É que no campo existe uma marca especial de justiça baseada na inveja: quando caem os ricos e poderosos, os amigos tratam de que caiam o mais fundo possível. E o Canadá, o nosso Canadá, que não cheira às florestas de áceres, mas a perfume francês, juntou grandes fortunas em diamantes e moeda de toda a Europa.

Vários de nós sentamo-nos no beliche superior, com as pernas penduradas para fora. Cortamos às fatias os pães estaladiços. Têm um sabor um pouco áspero, do tipo que se mantém fresco durante vários dias. Foi enviado de Varsóvia – há apenas uma semana, a minha mãe segurava este pão branco... meu Deus, meu Deus...

Desenrolamos o toucinho, a cebola, abrimos uma lata de leite evaporado. Henri, o francês gordo, sonha em voz alta com o vinho francês, trazido nos transportes de Estrasburgo, Paris, Marselha... O suor escorre-lhe pelo corpo.

– Escuta, *mon ami*, para a próxima subimos a rampa do carregamento e trago-te champanhe verdadeiro. Nunca provaste, pois não?

– Não, mas nunca o conseguirás fazer passar pelo portão, por isso, deixa de fazer troça. Porque não tentas antes «organizar-me» um par de sapatos... sabes, dos perfurados, com sola dupla, e que tal aquela camisa que me prometeste há tanto tempo?

– *Patience, patience*. Quando chegar o novo transporte, trago-te o que queres. Vamos outra vez para a rampa!

² «Canadá» designava a riqueza e o bem-estar no campo. Referia-se, mais especificamente, a membros do grupo de trabalho, ou *Kommando*, que ajudavam a descarregar os transportes de pessoas destinadas às câmaras de gás. (NA)

– E se já não houver mais transportes para o crematório?
– pergunto, despeitado. – Não vês como a vida aqui se está a tornar muito mais fácil? Não há limite para as encomendas, acabaram os espancamentos. Até escreves cartas para casa... Ouvem-se todo o tipo de conversas e, que raio, têm falta de gente!

– Não digas disparates! – O rosto gordo e sério de Henri move-se ritmicamente, com a boca cheia de sardinhas. Somos amigos há muito, mas nem sequer sei o seu último nome. – Não digas disparates – repete, engolindo com esforço. – Não podem ter falta de gente, ou morremos de fome neste maldito campo. Todos nós dependemos do que eles trazem.

– Todos? Temos as nossas encomendas...

– Claro, tu e o teu amigo e mais outros dez amigos teus. Alguns de vocês, polacos, recebem encomendas. Mas e nós? E os judeus e os russos? E se não tivéssemos alimentos ou «organização» dos transportes, pensas que comias essas tuas encomendas em paz? Não deixávamos que o fizesses!

– Deixavam, morriam de fome como os gregos. Aqui, quem tem comida tem poder.

– De qualquer forma, tens que chegue, nós temos que chegue, porquê discutir?

Certo, porquê discutir? Eles têm que chegue, eu tenho que chegue, comemos juntos e dormimos nos mesmos beliches. Henri corta o pão às fatias, faz uma salada de tomate. Sabe bem com a mostarda da messe.

Abaixo de nós, homens nus e encharcados em suor enchem os corredores estreitos dos barracões ou estão deitados aos oito e aos dez nos beliches inferiores. Os seus corpos murchos e nus cheiram a suor e a excremento; têm as faces encovadas. Mesmo por baixo de mim, no beliche inferior, está deitado um rabino. Cobriu a cabeça com um farrapo que rasgou de um cobertor e lê um livro de orações em hebraico (este tipo de literatura não falta no acampamento) e geme alto e em tom monótono.

– Será que ninguém o conseguirá calar? Fala como um louco, como se tivesse apanhado o próprio Deus pelos pés.

– Não me apetece mexer. Deixa-o delirar. Mais depressa o levam para o forno.

– A religião é o ópio do povo – diz sentenciosamente Henri, que é comunista e reformado. – Se não acreditassem em Deus e na vida eterna, há muito que teriam destruído o crematório.

– Então, porque não o fizeste?

A pergunta é retórica. O francês ignora-a.

– Idiota – diz simplesmente e enche a boca de tomate.

Quando terminamos a refeição, há um súbito alvoroço à porta. Os muçulmanos³ fogem assustados para a segurança dos seus beliches e um mensageiro corre para o edifício do encarregado do bloco, que, de rosto solene, avança imediatamente.

– Canadá! *Antreten!*⁴ Mas despachem-se! Está um transporte a chegar!

– Valha-me Deus! – grita Henri, saltando do beliche. Engole o resto do tomate, agarra no casaco, grita *Raus* para os homens que estão em baixo e sai imediatamente. Ouvimos uma confusão nos outros beliches. O Canadá parte para a rampa.

– Henri, os sapatos! – grito atrás dele.

– *Keine Angst!*⁵ – responde, já lá fora.

A seguir, ponho a comida de lado. Ato um pouco de corda em volta da minha mala, onde as cebolas e os tomates da horta do meu pai em Varsóvia se misturam com as sardinhas portuguesas, o toucinho de Lublin (esse veio do meu irmão) e guloseimas autênticas de Salónica. Ato tudo, puxo as calças e desço do beliche.

³ «Muçulmano» era o nome atribuído no campo aos prisioneiros física e espiritualmente destruídos, que não tinham força ou vontade para continuar a viver – homens prontos para as câmaras de gás. (NA)

⁴ Formar! (NT)

⁵ Não te assustes! (NT)

– Aos seus lugares! – grito, empurrando os gregos para conseguir passar. Eles afastam-se. À porta, esbarro em Henri.

– *Allez, allez, vite, vite!*⁶

– *Was ist los?*⁷

– Queres ir connosco à rampa?

– Claro, porque não?

– Então vem, pega no casaco! Precisamos de homens. Já disse ao *Kapo*. – E empurra-me para fora do barracão.

Fazemos uma fila. Alguém marcou os nossos números, mas, depois, alguém mais adiante grita «Marchar, marchar» e corremos então para o portão acompanhados pelos gritos de um tropel multilinguístico já a ser empurrado de volta para os barracões. Nem todos têm a sorte de ir para a rampa... Quase chegamos ao portão. *Links, zwei, drei, vier! Mützen ab!*⁸ Direitos, braços esticados ao longo das ancas, marchamos para atravessar os portões rápida e prontamente, quase com graciosidade. Um SS sonolento, com um enorme bloco na mão, trata da nossa verificação acenando para que formemos grupos de cinco.

– *Hundert!*⁹– exclama, depois de todos termos passado.

– *Stimmt!*¹⁰– é a resposta rouca lá da frente.

Deslocamo-nos rapidamente, quase a correr. Há guardas por todo o lado, rapazes com armas automáticas. Passamos pelo campo II B, depois por uns barracões desertos e uma pequena mata de árvores desconhecidas – macieiras e pereiras. Atravessamos o círculo das torres de vigilância e, a correr, chegamos à estrada principal. Só mais uns metros e ali, rodeada de árvores, está a rampa.

Uma estação pequena e alegre, muito parecida com qualquer outra estação de província: um pequeno quadrado

⁶ Vamos, rápido! (NT)

⁷ Que se passa? (NT)

⁸ Direita, dois, três, quatro! Tirar os chapéus! (NT)

⁹ Cem! (NT)

¹⁰ Certo! (NT)

rodeado por altos castanheiros e pavimentado com gravilha amarela. Ali perto, junto à estrada, encontra-se um pequeno telheiro de madeira, mais feio e menos sólido do que todos os feios e pouco sólidos telheiros dos caminhos de ferro; mais adiante, há pilhas de carris velhos, montes de traves de madeira, partes de barracões, tijolos, pedras do pavimento. É aqui que carregam os comboios para Birkenau: materiais para a construção do campo e pessoas para as câmaras de gás. Os camiões andam por ali, carregam madeira, cimento, gente – a habitual rotina diária.

E, agora, os guardas posicionam-se ao longo dos carris, nas travessas, à sombra verde dos castanheiros da Silésia, para formarem um círculo apertado em redor da rampa. Limpam o suor dos rostos e bebem dos cantis. O calor é insuportável, o Sol mantém-se imóvel no zénite.

– Dispersar!

Sentamo-nos nas sombras estreitas, junto aos carris empilhados. Os gregos esfomeados (vários conseguiram vir, só Deus sabe como) andam a esquadrinhar por entre os carris. Um deles encontra pedaços de pão bolorento, outro umas sardinhas quase podres. Comem.

– *Schweinedreck!*¹¹ – cospe um jovem guarda, alto, de cabelo cor de milho e olhos azuis sonhadores. – Por amor de Deus, daqui a pouco terão tanta comida para se encherem que vão rebentar! – Ajusta a arma e limpa o rosto com um lenço.

– Tu, ó gordo! – Toca ao de leve com a bota no ombro de Henri. – Ouve lá, queres beber?

– Claro, mas não tenho marcos – responde o francês com ar profissional.

– *Schade*, é pena.

– Então, então, *Herr Posten*, já não lhe basta a minha palavra? Não fizemos já negócios? Quanto é?

¹¹ Porco de merda! (NT)

– Cem. Combinado?

– Combinado.

Bebemos a água morna e insípida. Será paga pelas pessoas que ainda não chegaram.

– Agora, tem cuidado – diz Henri, voltando-se para mim. Deita fora a garrafa vazia, que bate nos carris e explode em pequenos fragmentos. – Não tires dinheiro, eles podem reparar. Além do mais, quem diabo precisa de dinheiro? Tens comida suficiente. Também não tires fatos, ou pensam que te preparas para fugir. Tira uma camisa, só de seda, com colarinho. E um colete, e se encontrares qualquer coisa para beber não te incomodes em chamar-me. Eu cá me arranjo, mas tu tem cuidado ou eles dão cabo de ti.

– Aqui espancam-nos?

– Naturalmente. Tens de ter olhos no cu. *Arschaugen*.

Os gregos estão sentados à nossa volta, com os maxilares a trabalhar avidamente, parecendo enormes insetos humanos. Mastigam pedaços de pão azedo. Estão inquietos, sem saber o que vai acontecer a seguir. A visão das enormes traves e dos montes de carris preocupa-os. Não gostam de carregar pesos.

– *Was wir arbeiten*, trabalhamos em quê? – perguntam.

– *Niks. Transport kommen, alles Krematorium, compris?*¹²

– *Alles verstehen*, já percebemos tudo – respondem, no dialeto falado no crematório. Tudo está bem – não terão de transportar os pesados carris nem as traves.

Entretanto, a rampa torna-se cada vez mais ativa e ruidosa. Dividem-se as equipas entre as que vão abrir e descarregar os vagões de gado e os que serão colocados nos degraus de madeira. Recebem instruções sobre como proceder de forma mais eficiente. Surgem as motos que trazem oficiais das SS condecorados, a brilhar de tanto metal, homens gordos com

¹² Nada. Vem o transporte, tudo para o Crematório, entendes?

botas engraxadas e envernizadas e rostos brilhantes e brutais. Alguns trazem pastas, outros empunham chicotes finos e flexíveis, que lhes dão uma aparência de prontidão militar e agilidade. Entram e saem da messe – pois a miserável cabana junto à estrada serve-lhes de messe, onde no verão bebem água mineral, *Sudetenquelle*, e onde, no inverno, se podem aquecer com um copo de vinho quente.

Cumprimentam-se do modo aprovado pelo Estado, erguendo um braço à maneira romana e, a seguir, apertam cordialmente as mãos, trocam sorrisos afetuosos, conversam sobre o correio que recebem de casa, os filhos, as famílias. Uns caminham majestosamente na rampa, com os quadrados de prata das golas a cintilarem. A gravilha range sob as suas botas e os chicotes de bambu estalam impacientes.

Encostamo-nos aos carris nas sombras estreitas, com a respiração irregular, trocamos ocasionalmente umas palavras nas nossas várias línguas e olhamos indiferentes para os homens majestosos nos seus uniformes verdes, para as árvores verdes e para o campanário da igreja de uma aldeia distante.

– O transporte está a chegar – diz alguém.

Pomo-nos de pé de um salto, voltando os olhos na mesma direção. Os vagões de gado, um após outro, começam a surgir na curva. O comboio entra de marcha-atrás na estação, o maquinista debruça-se à janela, acena e sopra um apito. A locomotiva assobia igualmente com um grito, um sopro e o comboio entra lentamente na rampa. Nas pequenas janelas com grades surgem rostos humanos pálidos, definhados e exaustos. Mulheres aterrorizadas com o cabelo emaranhado, homens por barbear. Observam a estação em silêncio. Então, subitamente, há uma agitação dentro das carruagens e pancadas nas tábuas de madeira.

– Água! Ar! – São gritos cansados, desesperados.

As cabeças empurram-se junto às janelas, as bocas procuram freneticamente o ar. Aspiram um pouco, depois desaparecem;

vêm outros no seu lugar que depois também desaparecem. Os gritos e gemidos aumentam.

Um homem de uniforme verde, coberto de mais brilho do que os outros, abana a cabeça impaciente e franze os lábios, aborrecido. Respira fundo. Depois, com um gesto rápido, deita fora o cigarro e faz sinal ao guarda. Este retira a automática do ombro, faz pontaria e, a seguir, atira uma série de disparos ao longo do comboio. Tudo fica em silêncio. Entretanto, chegaram os camiões, soam passos e os homens do Canadá assumem os seus postos junto às portas do comboio. O oficial das SS com a pasta ergue a mão.

– Quem se apoderar de ouro ou de qualquer outra coisa além de comida será abatido por roubar propriedade do *Reich!* *Verstanden?* Entendido?

– Claro! – respondemos ansiosos.

– *Also los*, então pronto! Comecem!

Os ferrolhos estalam, as portas abrem-se. Uma onda de ar fresco invade o comboio. As pessoas... comprimidas de forma desumana, enterradas sob montes incríveis de bagagem, malas, arcas, embrulhos, caixotes, trouxas de todos os tipos (tudo o que fizera parte do seu passado e iria iniciar o seu futuro). Monstruosamente amontoadas, desmaiaram devido ao calor, sufocadas, esmagadas umas de encontro às outras. Agora, empurram-se na direção das portas abertas, respirando como peixes lançados na areia.

– Atenção! Saiam e levem a bagagem convosco! Retirem tudo. Amontoem tudo junto às saídas. Sim, os casacos também. Estamos no verão. Marchem para a esquerda, compreendem?

– Senhor, o que nos vai acontecer? – Saltam do comboio para a gravilha, ansiosos, exaustos.

– De onde sois?

– Sosnowiec-Bedzin. Senhor, o que nos vai acontecer? – repetem teimosamente, olhando para os nossos olhos cansados.

– Não sei. Não percebo polaco.

É a lei do campo: as pessoas que seguem para a morte devem ser enganadas até ao último momento. É a única forma de caridade permitida. O calor é tremendo. O Sol mantém-se diretamente sobre as nossas cabeças, o céu branco e quente estremece, o ar vibra e uma brisa ocasional assemelha-se ao crepitar de uma fornalha. Sentimos os lábios secos, a boca com o sabor salgado do sangue, o corpo fraco e pesado de estar tanto tempo ao sol. Água!

Uma enorme onda multicolorida de gente carregada de bagagem sai do comboio como um rio cego e louco a tentar encontrar novo leito. Mas antes de terem oportunidade de recuperar, antes de poderem respirar ar fresco e olharem para o céu, arrancam-lhes os embrulhos das mãos, os casacos das costas, as bolsas e as sombrinhas.

– Mas, por favor, é por causa do sol. Não posso...

– É proibido! – diz um de nós por entre dentes. Há um homem das SS mesmo atrás, calmo, eficiente, vigilante.

– Por aqui, senhoras e senhores, tentem não espalhar as vossas coisas, por favor. Mostrem alguma compreensão – diz, muito educado, com as mãos inquietas a brincarem com o chicote fino.

– Claro, claro – respondem, enquanto passam, e agora caminham junto ao comboio, um pouco mais bem-dispostos.

Uma mulher baixa a mão para apanhar a bolsa. O chicote voa, a mulher grita, tropeça e cai debaixo dos pés da onda de gente que avança. Atrás dela, uma criança grita com uma vozinha fina «Mamele!» – uma menina de caracóis escuros.

A pilha aumenta. Malas, trouxas, cobertores, casacos, malas de mão que se abrem quando caem, espalhando moedas, ouro, relógios; nas saídas, amontoa-se o pão e também doce de laranja, compotas, carne, enchidos; o açúcar espalha-se sobre a gravilha. Camiões carregados de pessoas começam a trabalhar com um ruído ensurdecedor e partem por entre o choro e os gritos das mulheres separadas dos filhos e o silêncio

estupefacto dos homens deixados para trás. Ordenaram-lhes que passassem para a direita – os saudáveis e jovens que iriam para o campo. No fim, nem eles escapariam à morte, mas primeiro teriam de trabalhar.

Os camiões vão e voltam, sem interrupção, como se estivessem sobre uma monstruosa linha de montagem. Uma carrinha da Cruz Vermelha anda sem parar, de um lado para o outro: transporta o gás que matará toda aquela gente. A enorme cruz no capô, vermelha como o sangue, parece dissolver-se ao sol.

Nos camiões, os homens do Canadá não param um segundo, nem sequer para recuperarem o fôlego. Empurram as pessoas para que subam os degraus, enfiam mais ou menos sessenta, apertadas, em cada camião. Perto deles encontra-se um jovem «cavalheiro», bem barbeado, um oficial das SS, com um caderno na mão. Ali marca cada camião que parte; dezasseis significam mais ou menos um milhar de pessoas. O cavalheiro é calmo, preciso. Nenhum camião pode partir sem um sinal seu ou uma marca no seu caderno: *Ordnung muss sein*. As marcas transformam-se em milhares, os milhares em transportes completos, aos quais, mais tarde, designaremos apenas por «de Salónica», «de Estrasburgo», «de Roterdão». Este terá o nome de «Sosnowiec-Bedzin». Os novos prisioneiros de Sosnowiec-Bedzin receberão os números de série 131-2-mil, embora depois os designemos simplesmente por 131-2.

Os transportes avolumam-se por semanas, meses, anos. Quando a guerra terminar, contarão as marcas nos seus cadernos – serão quatro milhões e meio. A batalha mais sangrenta da guerra, a maior vitória da forte Alemanha unida. *Ein Reich, ein Volk, ein Führer*¹³ – e quatro crematórios.

O comboio já estava vazio. Um homem das SS, magro e com a cara marcada da varíola, espreita lá para dentro, abana

¹³Um reino, um povo, um líder.

a cabeça enojado, faz sinal ao nosso grupo e aponta com um dedo para a porta.

– Perfeito. Limpem tudo!

Entramos. Nos cantos, por entre excrementos humanos e relógios de pulso abandonados, estão bebês esmagados e pisados, pequenos monstros nus, com cabeças enormes e ventres inchados. Levamo-los para fora como galinhas, segurando vários em cada mão.

– Não os levem para os camiões, passem-nos às mulheres – diz o homem das SS acendendo um cigarro. O isqueiro parece não funcionar bem e ele examina-o com todo o cuidado.

– Levem-nos, por amor de Deus! – Expludo ao ver que as mulheres fogem de mim tapando os olhos, horrorizadas.

O nome de Deus parece estranhamente inútil, já que as mulheres e os bebês seguirão nos camiões, todos sem exceção. Todos sabemos o que isso significa e olhamos uns para os outros com ódio e terror.

– O quê? Não querem levá-los? – pergunta o homem das SS marcado da varíola, em tom de surpresa e censura, ao mesmo tempo que leva a mão ao revólver.

– Não dispare. Eu levo-os. – Uma mulher alta e de cabelo grisalho tira-me das mãos os pequenos cadáveres e, por um instante, olha-me nos olhos.

– Meu pobre rapaz – murmura, e sorri para mim. Depois, afasta-se pelo caminho em passo vacilante. Encosto-me ao comboio. Estou terrivelmente cansado. Alguém me puxa pela manga.

– *En avant!* Para os carris, vamos!

Levanto a cabeça, mas o rosto agita-se diante dos meus olhos, dissolve-se, enorme e transparente, fundindo-se com as árvores imóveis e o mar de gente... pestanejo rapidamente: Henri.

– Escuta, Henri, somos boas pessoas?

– Que estupidez. Porque perguntas?

– Sabes, meu amigo, sabes, não sei porquê, mas estou furioso, simplesmente furioso com esta gente... furioso por ter de estar aqui por causa deles. Não sinto piedade. Não tenho pena de irem para a câmara de gás. Malditos! Estou capaz de me atirar a eles, de os esmurrar. Deve ser patológico, nem consigo entender...

– Ah, pelo contrário, é natural, previsível, calculado. A rampa dá cabo de nós, revolta-nos... e a maneira mais fácil de aliviarmos o ódio é voltarmo-nos contra alguém mais fraco. Porquê? Diria que até é saudável. É uma simples lógica, *compris?* – Encosta-se a um monte de carris para ficar mais confortável. – Olha para os gregos, sabem como tirar partido disto! Enchem o estômago com qualquer coisa que encontrem. Um deles acabou de devorar um boião inteiro de doce de laranja.

– Porcos! Amanhã, metade vai morrer de diarreia.

– Porcos? Também já tiveste fome.

– Porcos – repito, furioso. Fecho os olhos. O ar está cheio de gritos horríveis, a terra treme debaixo dos meus pés, sinto uma humidade pegajosa nas minhas pálpebras e a garganta completamente seca.

A procissão mórbida perpetua-se – os camiões rosnam como cães loucos. Fecho os olhos com força, mas, mesmo assim, consigo ver os cadáveres a serem arrastados do comboio, os bebés pisados, os inválidos empilhados sobre os mortos, onda sobre onda... os vagões de mercadorias chegam, aumentam os montes de roupa, de malas, de trouxas, as pessoas saem, olham para o Sol, respiram fundo, suplicam por água, entram nos camiões e partem. E, mais uma vez, chegam vagões de mercadorias e, mais uma vez, gente... As cenas confundem-se na minha mente – não tenho a certeza de que isto esteja de facto a acontecer ou se estou a sonhar. Sinto um zumbido dentro da cabeça; tenho vontade de vomitar.

Henri puxa-me o braço.

– Não adormeças. Vamos carregar os despojos.